

# Saudade Normal e Patológica

MARIA MANUELA BRAZETTE (\*)

Saudade, «mavioso nome que tão meigo soas nos lusitanos lábios», assim fala Garrett no seu poema «Camões», onde nos transmite de forma admirável as diferentes tonalidades da saudade, desde aquelas que nós podemos chamar normais, até às formas depressivas.

De facto, ninguém melhor do que os poetas para falar de um sentimento tão complexo e muitas vezes tão cheio de ambivalência.

Já D. Duarte, no seu «Leal Conselheiro», se refere à saudade como «um sentido do coração que vem da sensualidade e não da razão», e Duarte Nunes de Leão em 1606, deu-nos uma definição simples e concisa: «saudade é lembrança de alguma coisa com desejo dela».

É o desejo que dinamiza a saudade e a afasta das cores negras da depressão.

Nos últimos tempos tem-se confundido depressão e saudade, que deixou de ser o «mavioso nome» para se tornar em palavra do passado, canto de poetas ultrapassados, perigosa, porque estagnante, retrograda, bolorenta. Na actualidade, notamos um movimento ainda vago e envergonhado para reabilitar a saudade, sem as teorias grandiosas e exclusivistas da lusitanidade deste sentimento universal; embora não se possa negar que os portugueses, e em especial os Poetas e o Povo, muito tenham falado e escrito sobre a saudade.

Augusto Gil cantou assim:

Luar de Janeiro  
Fria claridade  
À luz dele foi talvez  
Que primeiro,

A boca de um português  
Disse a palavra saudade

Afonso Lopes Vieira, o «poeta saudade», como se chamou a si mesmo, deixou-nos esta singela quadra:

Nasceu logo portuguesa  
E portuguesa ficou  
Foi poeta concerteza  
Aquele que a inventou

Teixeira de Pascoais, o poeta do saudosismo, diviniza a saudade e escreve: «A saudade é nossa, como Apolo é da Grécia e Jeová da Palestina. Se a lembrança é a sua alma, o desejo, a esperança é a carne e o sangue vivo do seu corpo. Tem uma face voltada para o passado e outra voltada para o Futuro. A sombra do que passou amanhece nos seus olhos: é a luz do novo dia...».

São estes maravilhosos vãos místicos que tornam a saudade numa subtileza de espírito, depois num sistema filosófico — o Saudosismo — que teve como principal obreiro Leonardo Coimbra, e, afinal a afastaram da sua original simplicidade, da relação com o outro, que o Povo com tanta singileza e autenticidade sabe definir:

Quem disser que a vida acaba  
Digo-lhes eu que nunca amou  
Quem morre e deixa saudades  
Nunca a vida abandonou

Saudade e amor estão sempre ligados, como disse D. Francisco Manuel de Melo: «sem amor não pode haver saudade».

Mas interessa ainda ouvir a voz inspirada de Leonardo Coimbra a propósito da estátua de Soares dos Reis — O Desterrado.

(\*) Assistente hospitalar do Hospital Miguel Bombarda.

«As árvores da nossa saudade estão diante de nós em vivo corpo de lembrança, as aves de nossas recordações procuram seus ramos e voam de novo a um misterioso rumo, e, cismático, profundo como os abismos, o homem sonha em degredo... É a última imagem que desperta, é cada um de nós que se viu de pronto a si mesmo e no fundo da alma, como se, ao debruçar-se na cisterna interior, a água inquieta o refletisse mais vivo e real; é a própria estátua da saudade — o Desterrado de Soares dos Reis».

Toda a vivência saudosista para Leonardo Coimbra, implica uma dupla série de elementos: negativos — dor, perda e ausência — e positivos — desejo, luta e esperança —, que traduziu pelo binómio lembrança e desejo ou lembrança activa; e escreve Leonardo Coimbra:

«Por todos os cantos do Espaço, por todos os caminhos da Terra e por todas as estradas do Céu, fomos lançando fios de desejo e sonho que a vida vai partindo em seu desajeitado caminhar, e em nós fica a lembrança desses sonhos em corpo espectral de saudade».

A saudade é um sentimento que revela a capacidade de interiorizar os objectos e os evocar nos seus aspectos positivos, tal como diz Camões no célebre soneto «Mudam-se os tempos mudam-se as vontades»:

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades.

A saudade é, como já dissemos, um sentimento de quem ama, de quem possui um bom objecto interno e foi capaz de se separar do seu objecto de amor, para no espaço da ilusão, no espaço transicional, no sentido de Winnicott, criar um sentimento que não o deixa ficar só, no vazio depressivo, e o impulsiona a procurar rever o objecto das suas saudades.

É esta a saudade «normal», desejável sem a qual não pode haver um bom desenvolvimento afectivo. Não parece que o «longe da vista, longe do coração», seja um estado em que possamos dizer que haja um normal investimento amoroso.

As saudades patológicas são sempre as manifestamente ambivalentes, em que o objecto foi interiorizado com acentuados aspectos positivos e negativos que entram em conflito,

é aqui que tem lugar o conceito poético de «morrer de saudades» como diz Camões:

«Porque não morre já quem vive ausente»

Mas também numa singela redondilha, nos transmite, como amor e saudade estão sempre ligados:

Este tempo vão,  
Esta vida escassa,  
Pera todos passa,  
Só para mim não.  
Os dias se vão  
Sem ver esse dia,  
Quando vos veria.  
Vede esta mudança  
Se está bem perdida,  
Em tão curta vida  
Tão longa esperança!  
Se este bem se alcança,  
Tudo sofreria,  
Quando vos veria.  
Saudosa dor,  
Eu bem vos entendo  
Mas não me defendo  
Porque ofendo o Amor.  
Se fosseis maior  
Em maior valia  
Vos estimaria.  
Minha saudade,  
Caro penhor meu,  
A quem direi eu  
Tamanha verdade?  
Na minha vontade  
De noite e de dia  
Sempre vos veria

A saudade pode aproximar-se da depressão tornando difícil o investimento de novos objectos. O sujeito mantém-se ligado ao objecto das suas saudades, num gosto quase masoquista, apaziguando assim a culpa que um investimento ambivalente provoca, há amor consciente e ódio inconsciente. Aqui a saudade toma as tonalidades do luto depressivo. É o «delicioso pungir do acerbo espinho» e o «gosto amargo de infelizes» de que fala Garrett, ou como diz o Povo:

Saudade palavra doce  
Que traduz tanto amargor  
Saudade é como se fosse  
Espinhos cheirando a flor.

Camões mostra-nos como esta saudade ambivalente não permite investir o mundo exterior:

«Sem ti tudo me enoja e aborrece».

E ainda:

Se de saudades  
Morrerei ou não  
Meus olhos dirão  
De mim a verdade  
Por eles me atrevo  
A lançar as águas  
Que mostrem as mágoas  
Que nesta alma levo

As águas que em vão  
Me fazem chorar,  
Se elas são do mar,  
Estas de amor são  
Por elas relevo  
Todas minhas mágoas;  
Que, se força de águas  
Me leva, eu as levo

Todas me entristecem  
Todas são salgadas;  
Porém as choradas  
Doces me parecem.  
Correi doces águas  
Que, se em vós me enlevo  
Não doem as mágoas  
Que no peito levo!

E nesta saudade ambivalente a culpa é aliviada pelas lágrimas: «as choradas doces me parecem» e «não doem as mágoas que no peito levo», diz Camões.

Há ainda formas de saudade que se aproximam do delírio, ou mais frequentemente da ilusão. O desejo de ver o objecto das saudades pode criá-lo alucinatoriamente ou ilusoriamente, é o lugar do sonho, como no soneto de Camões:

Quando de minhas mágoas a comprida  
Magação os olhos me adormece,  
Em sonhos aquela alma me aparece  
Que para mim foi sonho nesta vida

Lá nãa saudade, onde estendida  
A vista pelo campo desfalece,  
Corro pera ela; e ela então parece  
Que mais de mim se alonga, compelida

Brado: — Não me fujais, sombra benina!  
Ela, os olhos em mim c'um brando pejo,  
Como quem diz que já não pode ser,

Torna a fugir-me; e eu gritando — Dina...  
Antes que diga: mene, acordo e vejo  
Que nem um breve engano posso ter.

Pode a saudade tornar-se uma ideia obsessiva, e, tudo dentro e fora do sujeito lhe trazer a lembrança saudosa do objecto, como no soneto de Camões:

Alegres campos, verdes arvoredos  
Claros e frescas águas de cristal  
Que em vós vos debuxais ao natural  
Discorrendo da altura dos rochedos;  
Silvestres montes, ásperos penedos,  
Compostos em concerto desigual:  
Sabem que, sem licença de meu mal,  
Já não podeis fazer meus olhos ledos.  
E, pois já não vedes como vistestes,  
Não me alegrem verduras deleitosas  
Nem águas que correndo alegres vêm  
Semearei em vós lembranças tristes  
Regando-vos com lágrimas saudosas  
E nascerão saudades de meu bem.

Já no campo da depressão, quase sem saudade, só com as «memórias melhores de outra idade», temos o belo soneto de Antero de Quental, em que se vislumbra uma tênue saudade, e aparece claramente uma enorme depressão:

Chamei em volta do meu frio leito  
As memórias melhores de outra idade  
Formas vagas que às noites com piedade,  
Se inclinam, a espreitar sobre o meu peito

E disse-lhes: No mundo imenso e estreito  
Valia a pena, acaso, em ansiedade  
Ter nascido? dissei-m'o com verdade,  
Pobres memórias que eu ao seio estreito...

Mas elas perturbaram-se coitadas!  
E empalideceram contristadas  
Ainda a mais feliz, a mais serena

E cada uma delas, lentamente,  
Com um sorriso mórbido, pungente  
Me respondeu: — Não, não valia a pena!

Só quem ama pode sentir saudades, sejam elas doces saudades feitas de elementos positivos, cheias de desejo, deixando o sujeito livre para procurar e investir outros objectos, sejam saudades tristes, ambivalentes, obsessivas, dificultando o investimento de outros objectos e até do mesmo objecto, que pode ser bom e idealizado quando afastado e mau quando presente ou vice-versa; sejam até as saudades que levam a realizações alucinatorias do desejo de ver o objecto e as que conduzem à ilusão e ao sonho.

Há vários graus de depressão em que ainda há saudade, portanto ligação ao objecto, mas na depressão melancólica com desinvestimento do *self* e dos objectos não pode haver saudade.

Saudade e desejo estão sempre ligados, daí não haver saudade sem amor, e se quem ama

perde sempre pequenas ou grandes coisas, se não há relação amorosa viva sem ganhos e sem perdas, também não há relação amorosa dinâmica sem saudades.

Não se esquece quem se ama, e os poetas do amor, do amor autêntico, profundo, com raiz no instinto, mas com a capacidade de interiorizar os bons objectos no sentido de Melanie Klein e de criar o espaço transicional no sentido de Winnicott, são também poetas da saudade.

O amor é a chama, a saudade é o «suave fumo do fogo do amor» como disse D. Francisco Manuel de Melo.

Sintetizemos o conceito de saudade normal, essa doce presença-ausente e patológica, essa amarga e dolorosa lembrança, criando para este fim um soneto:

É bom sentir saudades e sonhar  
Que o sonho é luz e estrada desejada  
Quem não encontra espaço onde poisar  
Já nem sabe voar... amar... nem nada

Saudade... esperança de um profundo olhar  
Desejo ardente, sonho de acordada  
Dor que nos canta versos de embalar  
Lenda velhinha, qual moura encantada

A saudade que chora, é que é mais triste  
A que se encolhe ao canto, a que desiste  
Da esperança, do desejo e da verdade

A que inquieta, queima e transfigura  
Com um ódio escondido e não ternura  
Lembrança dolorida e não saudade.

#### BIBLIOGRAFIA

- Garrett, A. (1858). *Camões*. Lisboa.  
Quental, A de (1890). *Sonetos Completos*. Porto:  
Livraria Portuense.

- Botelho, A. & Teixeira, A. B. (1986). *Filosofia da Saudade*. Coleção Pensamento Português. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Brazette, M. M. & Cortesão, E. L. (1985). *Contribuição para o estudo psicanalítico da saudade*. II Congresso de Psiquiatria de Língua Portuguesa. Porto, 6-11 de Junho de 1985.
- Camões, L. de (1980). *Lírica Completa*. Biblioteca de Autores Portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Cortesão, E. L. (1985). Relação de objecto, os processos de projecção e identificação e as teorias de D. Winnicott. Perspectivas teóricas e clínicas. *Revista de Psicanálise*, nº2.
- Cortesão, J. (1980). O que o Povo canta em Portugal. *Obras Completas*, vol. XXVIII. Lisboa: Livros Horizonte.
- Costa Freitas, M. B. da. *O tema da Saudade no pensamento criacionista de Leonardo Coimbra*, Itinerarium, Ano XXIV, nº117. Braga.

#### RESUMO

Saudade-lembrança e desejo; presença-ausente, sentimento revelador do amor às pessoas e coisas perdidas ou afastadas que acabam por viver na memória e no sentir de quem as ama, como na quadra popular:

«Quem disser que a vida acaba  
Digo-lhes eu que nunca amou  
Quem morre e deixa saudades  
Nunca a vida abandonou»

Sentimento salutar, índice de requintada sensibilidade e de um normal desenvolvimento afectivo, pode tornar-se patológico, dificultar o investimento de novos objectos e aproximar-se da depressão, num «gosto amargo de infelizes» ou no «delicioso pungir de acerbo espinho» do poema de Garrett, ou como diz Camões: «Sem ti, tudo me enjoa e aborrece».